

## O coração sente um jeito marajoara de ser: minha gapuiação em Três Casas e Um Rio, de Dalcídio Jurandir \*<sup>1</sup>

Paulo Nunes

### I

Estava no alpendre da casinha de madeira. A chuva rendilhava as telhas. No largo da distância escutava as ondas quebrando vidraças nas pedras. Praia Grande, Mosqueiro. Belém. O café assim recém-passado me visitava na rede. Abri o livro. Às primeiras páginas, uma agonia, uma ânsia de me transpor daquela *aurea mediocritas* para aquela natureza bruta, farta de rios, vaqueiros, lendas, visagens. Mas lá pela quadragésima página, fui-me entregando, de alma, àquelas *personas*. Fui-me cedendo todo à voz de um narrador que descrevia: “*Situada num teso entre os campos e o rio, a vila de Cachoeira, na ilha de Marajó...*” **Três Casas e um Rio** (Cejup, 3 ed., 1994), terceiro livro do denominado “Ciclo do Extremo Norte”, conjunto romanesco no qual Dalcídio Jurandir propõe ao Brasil uma “mostragem” de uma Amazônia até então desconhecida, terra de confluência dos dramas e prazeres humanos.

Antes, o que se via, na Literatura Brasileira, de uma forma ou de outra, era aquela visão paradisíaca, resíduo deixado aqui pelo colonizador português na época quinhentista. Até mesmo a literatura determinista de Inglês de Sousa (leia-se **O Missionário**, Ática), revestida de um cientificismo circunstancial, não consegue livrar-se da superficialidade no que tange à abordagem da floresta amazônica. Dalcídio, percebendo esta lacuna, foi à luta e traçou um projeto estético que visava a diminuir o desconhecimento que os brasileiros tinham do imaginário amazônico.

### II

Dalcídio Jurandir é um autor de texto denso. E não é somente isso que pode atrapalhar a recepção de literatura dalcidiana por uma fatia mais larga de leitores. O estilo narrativo de Dalcídio é exuberante, encharcado (mas não gorduroso) como a própria natureza amazônica, estilo que se impõe, em geral, quanto mais avançamos na leitura. Há exuberância de narrativas que se

intercompletam, exuberância no desfile de personagens, tudo contribuindo para a formação de uma “cena” romanesca que nos cativa gradativamente. Dalcídio Jurandir, por certo, não é dos escritores de escrita fácil e deslizante, fluente. Muito pelo contrário, sua escritura reflete bem a visão de quem observa/absorve o mundo à sua volta. De resto vem o mais óbvio e mais doloroso: o ato de criar. E, criar, para o escritor de Ponta de Pedras, não parece ter sido nada fácil, como não foi fácil sua vida, perspontada de imensas dificuldades: a pobreza original, a opção político-ideológica, entre outros fatores.

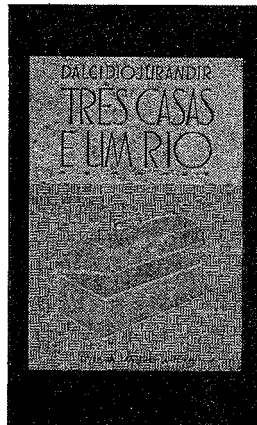
¶ Mas o que parece estar à espera de um estudo mais atento por parte de quem se debruça

sobre obras literárias é, sem dúvida, a investigação da obra dalcidiana sob a luz da Estética da Recepção. Não vou fazê-lo aqui neste artigo, mas fica a sugestão.

Talvez a partir do estudo da receptividade dos romances do Extremo Norte, possamos diminuir nossas inquietações, nosso vazio, quando constatamos, por exemplo, que, ao abirmos os manuais e os compêndios de Literatura Brasileira, sequer nos deparamos com a referência deste autor que, ao desvendar de modo contundente

a alma amazônica, estabelece ligações universais com a literatura feita na América Latina nestes últimos trinta ou quarenta anos.

Fazer literatura - a provocação criadora - na Amazônia é aparentemente fácil, pois a matéria-prima se oferece fartamente ao escritor. O imaginário da cultura ribeirinha faz-se como um olhar magnético, uma força compulsiva que nos suga, nos traga. Devemos, no entanto, cuidar para que o *olhar de Yara não nos engula*. Muitos dos que se aventuraram por esta trilha já foram tragados. Caíram nas malhas da (fácil) regionalice: escolheram uma dúzia de palavras-chave e “rimaram” a torto e a direito. Ora, estes não se deram conta da



<sup>1</sup> Gapuiar: pescar nos livros amazônicos, procurar algo ao acaso ou a sua própria sorte.

bobagem que fizeram. O difícil não é copiar o repertório já falado pelas pessoas da região, difícil é torná-lo universal, combinando, enredando, fazendo-o funcionar como uma espécie de chave para que o leitor, de qualquer nacionalidade, ao lê-lo, possa identificar amor, dor, prazer, esperança, revolta, sentimentos fartamente, mundialmente, humanos.

Dalcídio, muitas vezes sem grafar sequer uma *só palavra amazônica*, faz a página exalar Cachoeiras, Beléns, Amazônias. Daí a estranheza quando constatamos, por exemplo, que o professor Alfredo Bosi, na sua antológica **História Concisa da Literatura Brasileira** (Cultrix, 35 ed.), (in)dedica a Jurandir três linhas apenas. Esta atitude refletiria frieza ou desconhecimento? Em verdade a Amazônia tem tido dificuldades históricas para fazer valer sua voz nos demais recantos do Brasil. É fato que estamos distantes do chamado “eixo econômico” do país; é fato também que nossas instituições de ensino e pesquisa - salvo engano - não têm tido tradição para fazer valer nossa visão de mundo lá fora. Como se aqui nada produzíssemos, e tivéssemos de ficar, constantemente, à mercê apenas do conhecimento que os centros mais “evoluídos” produzem.

Não desejo - de modo algum - negar a importância do saber que emana de diversos centros de pesquisa de outros recantos do país, mas é evidente que se faz necessário iniciar um maior diálogo entre os diversos Brasis. Na área cultural isto também se faz preciso. E o desconhecimento da obra de Dalcídio Jurandir, sem dúvida, faz falta ao panorama da Literatura Brasileira. Pode parecer exagero aquilo que digo, mas a multiplicidade da literatura nacional perde lastro ao desconhecer escrita tão rica em significações e possibilidades. Mas vamos a **Três Casas...**, que é o que nos interessa.

### III

**Três Casas e um Rio** é um romance denso. A linguagem do texto está a serviço das aflições das personagens, um teor psicológico que suplanta até mesmo as aventuras patrocinadas pela natureza portentosa do Marajó. Pescarias, cavalgadas, molecagens se fazem presentes, mas sucumbem ante o poderio das angústias e reflexões de Alfredo (em primeiro plano), dona Amélia, Luciola, entre outras. É como se a vida,

para estas personagens, estivesse delimitada pelo *pensar angustioso* daquele menino que, mesmo pequeno - tinha por volta de 10 anos de idade -, carregava consigo aflições de homem-grande: a preocupação com a mãe, a solidariedade com a irmã, a consumição com Luciola, que lhe queria, de todo jeito, como filho. Alfredo *vive em si mas para os outros*, trata-se de uma **personagem-com**, ele existe em função de seus semelhantes. Talvez por isso, Alfredo seja quem segura o “nó” da narrativa; neste labiríntico romance do Extremo Norte, ele transmuta-se na nossa Ariadne amazônica. A cada dúvida, a cada pergunta, a cada inquietação, ele parece soltar o fio e afrouxar o laço. Por que Alfredo, como os demais meninos, não se limita em banhar-se no Lago Arari ou às pescarias e caçadas de passarinhos? Dalcídio atribui a esta personagem um papel narrativo determinante; entre os “videntes do romance”, Alfredo é uma espécie de *maestro director*.

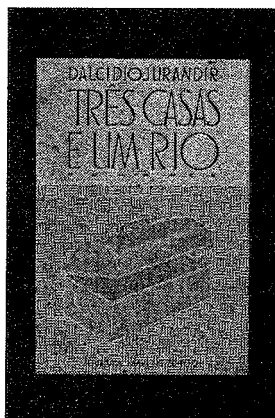
Mais poder que o de Alfredo, neste **Três Casas e um Rio**, só mesmo o do narrador-observador. Pare-

nos que o fato de haver onisciência por parte do narrador, de terceira pessoa, realça ainda mais esta *atribuição psicológica* do menino. Mas é preciso que se diga, narrador-observador e personagem não se confrontam, embora pareçam competir. Assim, o pensamento de Alfredo é constantemente *vasculhado* pelo narrador, que não faz segredo dele e o repassa - mera inconfidência - ao leitor. Este, por sua vez, sente-se livre para fazer o juízo de valores que lhe aprouver. Mas é evidente também o “desvio de foco” quando

da transferência da narrativa à *boca* das personagens. Aí, sem intermediação, personagem e leitor, cara a cara, configuram o embate ideológico que parece favorecer à “argumentação” do primeiro, que nos induz, ponto a ponto, pelas trilhas dos campos de Cachoeira. Enfim, as construções psicológicas dão o ritmo do enredo e permeiam a narrativa dalcidiana.

### IV

Embora não seja meu objeto de estudo neste momento, este romance favorece também a leitura psicanalítica. As teorias do Dr. Freud e Dr. Lacan têm possibilidades, que ficarão à disposição dos que se *aventurarem* a estudá-las: a primeira é o desejo interdito de Luciola (vizinha do casarão de major Alberto e dona Amélia) por Alfredo. A moça, “solteirona”, a pretexto



de ser “a excelente mãe”, quer o garoto para si. Ela acha, inclusive, que dona Amélia, negra e alcoólatra, não têm capacidade de zelar pelo menino. O que se vê, no entanto, quanto mais avança a narrativa, é que a excessiva preocupação transformou-se em obsessão: Lucíola angustia-se ao ver o “Alfredinho” crescer, e ela - a cada dia - perder o controle sobre o seu pequeno amado, que se faz arisco-arisco às suas *mãos donzelas*. Ocorre então, insegurança e medo da solidão, que Lucíola resolve aceitar o convite de Edmundo Menezes - fazendeiro decadente - para casar-se.

Induzida à solidão e pressionada por uma sociedade conservadora e provinciana, que execrava mulheres que não casavam, Lucíola aceita o convite, mas o faz como se fosse um animal que se prepara para ir ao matadouro. Uma pequena mostra da agonia da personagem pode ser evidenciada abaixo, quando dona Amélia e a Doduca, estão na alcova, ultimando os preparativos, enfeitando a noiva para o casório:

*“Quando a d. Doduca, ao passar para o quarto, lhe disse com alegre naturalidade: vamos, mea filha, Lucíola estremeceu. D. Amélia levou-a pelo braço para uma cadeira do grande espelho(...) Lucíola recostou-se na cadeira, abandonada e aérea. Algumas visões revoavam em seu cérebro, pensamentos de Alfredo, o arquejar dos animais na manhã da caça, a noite passada em companhia da irmã(...)*

*D. Doduca não sabia que penteado fazer. Por uma espécie de escrúpulo e receio não consultara Lucíola e esta se mantinha neutra, sem vontade...” (p. 361)*

O casamento não se concretiza. Lucíola descarta Edmundo, em frente ao Juiz:

*“É [ Lucíola ] escutou o Juiz, de voz pausada, como se inquirisse sobre o crime [ que o irmão de Edmundo cometera no passado ], se o noivo era de espontânea vontade... Edmundo logo apressou-se a responder como se confessasse:*

*- Sim.*

*Lucíola sentiu-se manietada, os pés pareciam sangrar, o coração pesava-lhe, ao ouvir novamente a pergunta, agora para ela, tinha a duração da leitura de autos num júri e quando o Juiz acabou, a noiva respondeu, seca e breve:*

*- Não.*

*Ouviu, confusamente, a exclamação de Dadá no*

*murmúrio geral. Com um aceno que impôs silêncio e fez retirar da sala Edmundo Menezes...” (p. 369).*

Lucíola foge para a mata e, após tomar um líquido venenoso, vem a falecer.

A segunda possibilidade que se abre à leitura psicanalítica é a recorrência da imagem da *cobra*, que se estende por toda a narrativa. Há uma infinidade de imagens que nos conduzem a caminhos metafórico-simbólicos. Na casa velha em que Lucíola mora com seus irmãos - Rodolfo, Didico e Dadá - vive uma imensa jibóia, que tem por função “comer os ratos do lugar”. Há em uma passagem da narrativa, uma verdadeira recriação marajoara do Éden, na qual Edmundo está para Adão e Lucíola para Eva, assim como a jibóia está para a serpente do paraíso bíblico:

*“[Edmundo] tinha feridas e a pele branca permanecia fresca (...) Fraco e comodista na aparência, conservava em sua fibras uma sossegada vitalidade que se comunicava secretamente com a terra. Tornara-se propriedade desta, em vez de ser o proprietário.*

*Pôs-se então a pensar naquela visão paradisíaca de Marajó que o embalava na Inglaterra. E havia sido expulso do paraíso antes de o ter encontrado. O pior foi que ao tentar conhecê-lo, encontrou o paraíso destruído.*

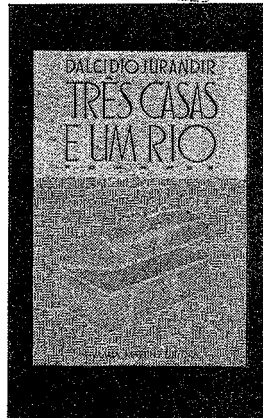
*Ao entrar na casa de Lucíola, sorria pensando obscuramente: e aqui estou atrás de Eva como se ela e sua jibóia do telhado me dessem o fruto para que eu me torne Adão.*

*Pelo menos, nascido de uma costela de Eva, concluiu...” (p. 320, 21).*

São algumas das possibilidades que a escritura de Dalcídio oferece, e que merece, por parte dos estudiosos da Psicanálise, atenção muito especial.

## V

A leitura de **Três Casas e um Rio** revela uma abundância de significações, que podem remeter a leituras das mais diversas tendências, como já dissemos anteriormente. Mas, sem dúvida nenhuma, atenção especial, merece, nesta obra, o destaque emprestado à natureza marajoara. Nestes rincões amazônicos, a natureza é de tal forma sobrepujante que nos faz lembrar aquela literatura produzida no Brasil do século passado, que era orientada pelo Determinismo mesológico. As personagens literárias eram subjugadas pela força da natureza, que não lhes dava opção: a ambientação natural



submetia à sua própria vontade o destino das personagens; assim fez o Naturalismo literário. Basta lembrar Inglês de Sousa, escritor que seguiu esta tendência e pôs em cena, em **O Missionário**, o padre Antônio Moraes submetido à vontade da sensual natureza amazônica, o que o fez quebrar o celibato e relacionar-se sexualmente com Clarinha.

Mas em se tratando da obra dalcidiana não valem as mesmas regras. Esta "ditadura" da natureza não se realiza. Embora a floresta, os campos, o lago Arari sejam monumentais, e possam interferir no comportamento das personagens, não percebemos nela o fatalismo que define e "amarra" o fado dos que habitam as páginas de **Três Casas e um Rio**. A natureza tem caprichos, mas as vontades humanas podem mais porque são dirigidas pela consciência, pelos pensamentos, pelos desejos humanos. O que pretendo afirmar é que há, na narrativa, um confronto entre natureza e personagens. Mas se a natureza consegue - por exemplo - submeter o destino de Lucíola e de Edmundo, Alfredo, impulsionado pela obstinação de dona Amélia, sua mãe, vence as limitações econômico-sociais, e muda-se de Cachoeira do Arari para Belém, "em busca de melhoria de vida", de estudo, de instrução, de "novos horizontes". Diferentemente do que acontece nos romances naturalistas, Dalcídio executa um "recorte" e estabelece um jogo de enredo em que Alfredo, a personagem protagonista, subleva-se, é dotada de *livre arbítrio*, não aceita facilmente as contingências naturais. Ele decide - mesmo que intuitivamente - seu destino. E neste caso (o do futuro de Alfredo), dona Amélia - tantas vezes acusada por Lucíola como incompetente - exerceu papel decisivo. O filho iria ter um futuro melhor que ela, por isso a mulher lança mão de suas economias e manda o menino estudar na capital. Belém, por sinal, é o desejo latente do garoto, é um *paraíso a ser desbravado*.

Este gesto talvez deixe implícita a crença de Dalcídio Jurandir nas pessoas, no ser humano, base de sustentação do pensamento socialista que o escritor abraçava.

## VI

De qualquer modo, estas palavras introdutórias - a quem deseja ler **Três Casas e um Rio** - não conseguem

sequer aproximar-se do ritual de dor e prazer (o prazer, no entanto, supera a dor) que se configura nas páginas deste autor máximo e ainda obscurecido pela crítica brasileira. Não desejo - por hora - mexer neste "ninho de marimbondos", mas, sem dúvida, se Dalcídio tivesse nascido mais abaixo do Equador, onde "não existem pecados", ele dificilmente viveria o fulminante ostracismo no qual até hoje se insere. Como já afirmei, ao desconhecer a escrita dalcidiana, o Brasil realça mais uma de suas lacunas literárias.

No entanto mais lastimável é constatar que as instituições amazônicas não traçaram, até o presente momento, um plano de revalorização da obra do autor. A própria editora que detém os direitos de publicação dos romances do Extremo Norte, até hoje, publicou somente três volumes dalcidianos, o que é insuficiente. Quando, à época, pelos idos de 1991, soubemos que finalmente uma casa editorial iria republicar Dalcídio, houve uma empolgação geral; dizíamos então: *Olha, o velho Dal vai finalmente retornar à cena!* Mas decorridos alguns anos, a promessa diluiu-se.

Não sei se a famigerada crise adiou este valente projeto em prol de nossa cultura. Não sei se houve problemas de outra ordem. Estou certo de que temos responsabilidade, mesmo que indireta, neste processo. Temos alguma *culpa no cartório*. Assim é provável que se faça necessário afirmar: *...Entre Dalcídios e palavras, atos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa...*

Esta edição de **Asas da Palavra**, do curso de Letras da Unama, ajuda a remover um pouco desta (quase) indiferença cultural que nos atormenta. E como "*o tempo não pára...*", ainda é hora de despertar e dar ao escritor o que ele muito pouco recebeu, o reconhecimento que lhe é merecido. Pena que seja um reconhecimento um tanto tardio, *in memoriam*. Assim mesmo, na condição de leitores, devemos gritar das entrelinhas que nos cabem nestas páginas vigorosas:

- Ave, Dalcídio!

Paulo Nunes é professor de Teoria da Literatura I do Curso de Letras da UNAMA; autor de livro de poesia, como **Vaginário**. Cursa Mestrado em Teoria da Literatura na UFPa.

